

ELA QUERIA UM ROMANCE DE UMA NOITE.
MAS O DESTINO TROUXE-LHE HUNTER
E TUDO MUDOU.

A
ESCOLHA
DA
noite

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES E DO USA TODAY

KENDALL
RYAN

TOP
SEL
LER

Capítulo 1

Kate

— **P**reciso de dar uma esta noite.
A Jessie riu-se enquanto a Rebecca distribuía uma rodada de shots de tequila.

Virei o shot, fiz uma careta e deitei a língua de fora, tentando não tossir.

— É tão mau — disse com um gemido, enquanto o álcool me queimava a garganta.

— Toma. — A Jessie enfiou-me um gomo de lima na boca.

Depois da segunda (ou seria a terceira?) rodada de shots de tequila, tinha confirmado que não era melhor a bebê-los agora do que fora na faculdade. E sim, eu sabia que era provavelmente demasiado velha para beber shots de tequila, mas estava determinada a reclamar parte da minha juventude com as minhas duas melhores amigas antes de fazer oficialmente 30 anos, ao bater da meia-noite.

— Feliz aniversário, Kate — disse a Rebecca, entregando-me uma *Corona*.

— Um brinde aos 30. — A Jessie sorria enquanto tocávamos as garrafas.

— 30 e sem-abrigo — acrescentei, bebendo um grande gole.

A Jessie abanou a cabeça.

— Não és sem-abrigo. Só... não tens onde viver.

Eu e a Rebecca rimo-nos, pois já estávamos habituadas ao seu constante otimismo.

A minha colega de quarto acabara de ficar noiva, e há algumas semanas sentou-se para falar comigo e informou-me de que eu estava a ser despejada. Senti um aperto no estômago ao pensar na nossa conversa. Aparentemente, ela e o novo noivo não queriam que eu andasse constantemente por ali, a segurar a vela. O que era compreensível, mas não me deixava menos chateada com o facto de ter de sair do meu apartamento de renda controlada, que ficava ao fundo da rua do meu café preferido e da minha loja predileta de gelados de iogurte. É como costumam dizer... *Localização. Localização. Localização.*

— Como está a correr a procura? — perguntou a Rebecca, enfiando um gomo de lima na cerveja.

— Paguei a caução de um apartamento esta semana — disse, bebendo um gole. — Basta-me ir vê-lo amanhã e assegurar-me de que o senhorio não é um psicopata.

Tinha encontrado o apartamento através de um anúncio online. Parecia promissor, espaçoso, com imensa luz e um

pequeno recanto agradável onde podia montar um escritório. Era autora de uma coluna social semanal de sucesso e, dado que trabalhava a partir de casa, um espaço confortável para escrever era uma parte importante da minha habitação.

— Basta de conversas de adultos. — A Jessie passou o braço em redor dos meus ombros. — Estamos aqui para celebrar.

— Mais uma cerveja e fico oficialmente bêbeda — disse a Rebecca, analisando o bar. — O que significa que temos de te arranjar já um homem, antes que a visão deturpada pelo álcool se instale.

Eu, a Rebecca e a Jessie tínhamos sido colegas de quarto na faculdade. A Jessie era uma monogamista em série que se casara quando tínhamos 24 anos; e a Rebecca casara com o namorado de longa data no ano passado. Desde que disseram *Sim*, têm vindo a tentar empurrar-me, basicamente, para todos os homens disponíveis num raio de 80 quilómetros.

Eu não me importava com os arranjinhos, desde que o tipo não estivesse à espera de se envolver em algo sério. Eu gostava da minha vida tal como ela era e vivia de acordo com a minha máxima pessoal: *Em equipa vencedora não se mexe*. Além disso, depois de ter visto a minha irmã atravessar um divórcio muito complicado com um homem que deveria ser o amor da vida dela, não estava propriamente com pressa para assentar.

Olhei para o bar à minha volta. Estavam lá bastantes homens, mas nenhum que me entusiasmasse. Precisava

de encontrar alguém que estivesse à procura da mesma coisa que eu. Sexo divertido e casual. Sem compromissos.

Estava prestes a desistir quando o vi.

Fiquei com a respiração presa na garganta e o meu coração deu um saltinho de alegria. Estava encostado ao balcão, a beber descontraidamente uma cerveja. Parecia ter 30 e muitos, e acreditem quando digo que era o pacote completo. Alto, de cabelo curto e escuro e um sorriso de morrer. Tinha vestido um fato de corte perfeito, como se tivesse acabado de sair do escritório. Eu derretia-me por tipos com fatos de bom corte, e tendo em conta o modo como se ajustava ao seu corpo, tive a sensação de que ficaria ainda melhor sem ele.

Ele riu-se, revelando a linha perfeita do maxilar e umas maçãs do rosto que pertenciam a um modelo da capa da *GQ*. Engoli em seco, sentindo um pequeno arrepio a percorrer-me as costas, enquanto o imaginava a envolver-me com aqueles bíceps firmes.

Era o homem mais sensual que eu alguma vez vira, e parecia ficar melhor na capa de uma revista do que a beber uma *Heineken* num bar chamado Bucky's. Mordi o lábio, incapaz de me impedir de imaginar que subia para cima dele e celebrava o meu aniversário montando o seu...

— Kate, olá.

A Rebecca acenou com uma mão à frente do meu rosto. Estava praticamente a escorrer baba por causa do Senhor Perfeito, tendo-me esquecido por completo da presença das minhas amigas.

— Desculpem. — Ri-me, inclinando a cabeça na direção dele. — Acho que já tenho a escolha da noite. Mas não olhem todas ao mesmo t..

Antes que conseguisse terminar a frase, tanto a Jessie como a Rebecca estavam a esticar o pescoço para olharem para ele. Bati mentalmente com a palma da mão na testa, na esperança de que ele não se tivesse apercebido de que o estavam a olhar fixamente.

— Oh, que pão — sussurrou a Rebecca, virando-se para mim. — E há *algo* nele.

Ela tinha razão. Ele emanava uma certa aura, uma atração sexual crua que quase pulsava no ar entre nós.

— Se esse *algo* for um grande alto nas calças, então sim — acrescentou a Jessie.

A Rebecca acenou com a cabeça.

— Bem, ele é mesmo alto. Calculo que as *coisas* possam ser proporcionais.

— Acho que ele acaba de nos sorrir — disse a Jessie, com um sorriso rasgado.

Olhei rapidamente de relance. Ele estava sem dúvida a olhar na nossa direção. *Merda*.

— Não jogamos no mesmo campeonato, pois não?

— És linda — disse a Rebecca com sinceridade. — Seria uma sorte para ele namorar contigo.

Abanei a cabeça.

— Namorar, não. Só sexo de aniversário. Estou à procura de alguém com quem passar esta noite, não de alguém com quem ficar para sempre.

— Mas a sério, olha para ele. *Fogo*. As coisas que eu lhe faria se não fosse casada... — A Jessie mordeu o lábio.

— Exatamente. Ele é um doze numa escala de zero a dez. E eu sou... — Olhei para a minha roupa, um vestido de noite preto que quase não conseguia esconder as minhas curvas.

Eu não era gorda; era agradavelmente roliça. Curvilínea. Espaçosa. Robusta, se quiserem. Mas sim, dava para perceber que gosto de batatas fritas. E que gostava de mergulhar as batatas em molho de maionese.

A minha amiga Rebecca encostou uma mão às minhas costas, despertando-me do meu momento de introspeção.

— És uma verdadeira brasa.

— Vai até lá e diz olá — disse a Jessie, tirando-me a garrafa de cerveja vazia e dando-me um pequeno empurrão.

Normalmente, sou demasiado tímida para abordar um tipo tão estonteantemente belo, mas o último shot de tequila que bebemos, ao que parece, anulou por completo o meu bom senso, bem como o meu filtro verbal. Era o meu dia de anos e raios me partam se não conseguisse pelo menos uma escaldante troca de beijos. Não tinha depilado as pernas e espremido o traseiro num vestido demasiado justo para nada.

Disse a mim mesma algumas palavras de encorajamento e estava prestes a abordá-lo quando me apercebi de que já não estava lá. *Merda*. Teria perdido a minha oportunidade?

Senti-me desanimar.

— Desculpa — disse uma voz profunda mesmo atrás de mim.

Virei-me e senti-me corar. Ele estava ali, todo o seu metro e oitenta e muitos, e estava a sorrir. Para mim.

— Sou o Hunter — disse, estendendo-me a mão. — Achei que, em vez de tentar chamar a tua atenção por entre uma multidão de pessoas, talvez fosse melhor apresentar-me.

Ele era sensual, divertido e direto? Eu estava completamente arrebatada.

Deslizei a minha mão para a dele.

— Sou a Kate.

Não tendo por hábito ser tímida, olhei diretamente para os seus calorosos olhos castanhos, sentindo a eletricidade a percorrer o meu corpo devido ao seu toque. Tinha mãos quentes e fortes e um aperto firme. Estava a sentir alguma dificuldade em afastar a imagem do que aquelas mãos grandes me fariam, quando me apercebi de que ele estava a falar comigo.

— Posso pagar-te uma bebida?

— Claro. — Sorri-lhe sedutoramente, quase sem acreditar que aquilo estava a correr tão bem. Devia ter projetado um karma mesmo muito bom para me sair este tipo.

Antes de se virar para fazer o pedido, o seu olhar deslizou pelas minhas curvas, fitando o meu pequeno vestido preto que deixava muito pouco à imaginação. *Será que desligaram o ar condicionado?* O calor invadiu-me as bochechas e deslizou pelo meu peito até se instalar entre as minhas pernas.

— O que estás a beber? — perguntou ele. Os seus lábios cheios e o seu sorriso de estrela de cinema conferiam a tudo o que dizia um tom indecente.

— Qualquer coisa serve — respondi, tentando manter a calma. — Só não quero tequila.

— Vi-te a beber um shot há pouco. Acho que nunca tinha visto ninguém a fazer uma careta daquelas. — Ele sorriu, e eu pus a mão na anca, numa ofensa fingida.

— És sempre assim tão elogioso com as mulheres que conheces nos bares?

— Se calhar é por isso que continuo solteiro. — Ele sorriu, fazendo sinal ao empregado de balcão.

Eu dei uma gargalhada, perguntando-me como seria possível que aquele tipo *fosse* solteiro.

Ao fim de um minuto, virou-se de novo com dois martínis.

— Então, qual é a ocasião? — Ele ergueu o copo, pronto para um brinde.

— É o meu trigésimo aniversário — respondi, tocando com o meu copo no dele e bebendo um gole.

— Parabéns. Então, qual é a sensação de chegar aos 30?

— Respondo-te depois da meia-noite. — Sorri, olhando para ele de cima a baixo. — Mas tenho cá para mim que vai ser uma sensação bastante espantosa.

Credo, Kate. Por isso é que não devia beber tequila. Perdi todas as minhas inibições.

Receei ter parecido demasiado agressiva, mas o Hunter não demonstrou importar-se com isso. Estava a observar-me com atenção, com um olhar sensual e profundo, os seus olhos descendo ocasionalmente até aos meus lábios enquanto falava.

O que me tinha ele perguntado? Oh sim, tinha-me perguntado se eu tinha algum passatempo interessante.

Inspirei por entre dentes e sorri.

— Tenho, sim. Adoro cozinhar.

— Que coincidência. Eu adoro comer.

Com uma pequena gargalhada, abanei a cabeça.

— Tens noção de que as tuas frases de engate são péssimas, certo?

Ele sorriu-me, um sorriso espantoso, extremamente branco, que dizia que ele se sentia divertido comigo e nada incomodado com o facto de eu estar a troçar dele.

— Na verdade, sinto-me satisfeita por nos termos cruzado esta noite. Quer dizer, o teu jogo precisa de muito trabalho — acrescentei.

— E estás a oferecer-te para ajudar? — Os cantos dos seus olhos enrugaram-se.

Apertei os lábios, olhando para ele.

— Depende. O que tenho eu a ganhar?

— A satisfação de saberes que não andarei por aí a atacar uma qualquer rapariga incauta com horríveis frases de engate?

Encolhi os ombros.

— É justo.

Ele bebeu mais um gole da sua bebida, observando-me por cima da borda do copo.

— Por onde começamos?

Eu bati com um dedo na borda do copo, avaliando-o friamente.

— Vais precisar de muito trabalho.

A boca dele estremeceu de divertimento.

— Sem dúvida.

Depois de ter pousado o copo no bar, virei-me para o olhar de frente. Era como ser agredida na cabeça com uma revista *GQ*.

Engoli em seco.

— Começemos por... — O meu olhar fixou-se travessamente no dele. — Em que estás a pensar, realmente, neste momento?

O Hunter não respondeu de imediato. O seu olhar voltou a descer, deslizando pelo meu decote e depois pelos meus lábios, antes de regressar, lentamente, aos meus olhos.

— Quero saber como pode uma rapariga como tu ainda ser solteira aos 30. E quero saber se sabes tão bem quanto pareces.

As minhas bochechas ficaram quentes. Muito bem. Talvez ele tenha algum jogo de cintura.

— É tudo? — perguntei, sentindo-me algo sem fôlego.

— Quero saber os gemidos que fazes na cama. E outras coisas francamente impróprias, acerca das quais não é suposto falarmos quando conhecemos alguém.

— Estou a ver — foi tudo o que consegui dizer.

O Hunter inclinou-se um pouco mais para mim e os nossos joelhos tocaram-se por baixo do balcão do bar.

— Assim consegues perceber onde tenho a cabeça, neste momento, e que áreas irão necessitar de mais ajuda?

Era quase possível palpar a atração que fervilhava entre nós. Estava, sem dúvida, demasiado quente, e sentia as minhas entranhas num rebuliço. Mas de uma maneira boa, não como quem vai *deitar fora o jantar*.

— Perfeitamente. — Dei mais um gole na minha bebida, antes de tornar a pousá-la no balcão. Estava na hora de mudar para um tópico mais seguro. — Então, os martinis, o fato. — Apontei para o fato dele, tentando manter a minha atenção na conversa e longe do pacote do Hunter. — És um homem de negócios poderoso?

— Nem por isso. — Ele deu mais uma gargalhada grave, sensual, esfregando a parte de trás do pescoço com uma mão. — Sou engenheiro civil na Câmara. Projetos de construção e transportes públicos, estás a ver? Coisas muitíssimo entusiasmantes — acrescentou ele sarcasticamente.

Eu sorri, aliviada por não ser mais um executivo. Já dormira com um número suficiente deles para me durar uma vida inteira. Secos e aborrecidos e tão entusiasmantes quanto uma batata cozida.

— Não, acho que é excelente.

— A maioria das mulheres desliga quando digo *transportes públicos*.

— Bem, eu não sou a maioria das mulheres — disse com um sorriso de esguelha, olhando-o, uma vez mais, nos olhos.

— Estou a ver. — Ele susteve o meu olhar durante um momento, antes de dar mais um gole no seu martíni.

Normalmente, não me sentiria tão confiante e relaxada, mas este homem... estava num nível de sensualidade completamente diferente.

— Tenho de admitir — disse, inclinando-se para mais perto — que só pedi os martinis para te impressionar. Normalmente bebo cerveja.

Tentei impedir que a minha boca se escancarasse. *Ele* estava a tentar impressionar-me *a mim*? Por essa é que eu não estava à espera.

— E tu, o que fazes? — perguntou, interrompendo os meus pensamentos.

— Escrevo uma coluna social.

Normalmente os homens fecham-se em copas quando digo isto, pensando que se trata de um trabalho de faz de conta ou de um passatempo. Mas o Hunter acenou com interesse, ouvindo tudo o que eu estava a dizer. E a tensão sexual entre nós crepitava como um fogo lento, à espera de ser de novo atizada.

— Isso é muito mais interessante do que o meu trabalho. Como é que começaste?

Encolhi os ombros.

— Sempre gostei de escrever. Não me tinha propriamente imaginado a escrever acerca de celebridades, mas uma amiga minha precisava de alguém para fazer o trabalho e eu revelei ter queda para a coisa, por isso continuei.

— Parece divertido.

— Ficarias surpreso. — Pousei o copo vazio no balcão. — Grande parte do trabalho consiste em sentar-me

sozinha, no meu apartamento, de calças de fato de treino, em busca de histórias. Mas, não me interpretes mal, adoro o que faço.

A conversa fluía facilmente entre nós, e enquanto ali estivemos sentados, a conversar, a namoriscar e a rir durante mais uma hora, apercebi-me de que há muito que não me divertia tanto. Os olhos dele eram de uma tonalidade hipnótica algures entre o café e o conhaque, e era refrescante falar com um homem tão descontraído e que parecia, de facto, interessado no que eu tinha para dizer e não no que eu podia *fazer* por ele. Não era necessária uma ligação tão grande, dado que eu estava apenas à procura de passar um bom momento e não de encontrar um parceiro para a vida. Ainda assim, era simpático.

Ele terminou o martíni.

— Bebemos mais uma rodada?

Antes que eu pudesse responder, alguém me deu um encontrão nas costas e eu pousei a não no peito do Hunter para me equilibrar. Por baixo da camisa, era duro e musculado; não estava, de modo algum, a falhar nas suas idas ao ginásio.

Engoli em seco, sentindo-me tentada a agarrar-lhe a camisa com a mão e a puxá-lo para mim. Em vez disso, recuei, recuperando mentalmente a compostura. Normalmente não me deixava afetar assim tão facilmente por um homem, mas havia algo nele que punha o meu coração a esvoaçar como o de uma adolescente. Eu não queria outra bebida... queria o Hunter. Além disso, temia que mais uma

rodada com ele me fizesse passar de adoravelmente tocada a embaraçosamente embriagada.

— Talvez pudéssemos sair daqui? — disse, dissimuladamente.

Ele pareceu ter sido apanhado desprevenido por um segundo, mas depressa se recompôs.

— Também podemos fazer isso.

Nervosa e entusiasmada, disse ao Hunter que iria ter com ele à porta, e fui procurar a Jessie e a Rebecca. Estas estavam sentadas uma ao lado da outra num canto do bar e tinham, claramente, estado a observar tudo o que acontecera.

— Ele parecia superinteressado em ti — disse a Jessie entusiasticamente quando me aproximei.

— Vamos para casa dele. — Sorri. Pelo menos, esperava que fôssemos, porque de momento eu era basicamente uma sem-abrigo. E estava bastante certa de que enrolar-me com um tipo no sofá daquela que em breve passaria a ser a minha *antiga* companheira de quarto, não seria visto com bons olhos.

— Vai-te a ele, moça. — A Rebecca assentou uma leve palmada no meu traseiro.

Puxei-as para um abraço rápido.

— Adoro-vos.

— Amanhã tens de nos contar tudo — disse a Jessie, enxotando-me em direção à porta.

O Hunter estava na entrada, esperando-me junto de um táxi. Abriu-me a porta e eu entrei, pensando que nunca

tinha conhecido ninguém tão escaldante que também tivesse boas maneiras.

Estava demasiado consciente do quão perto nos encontrávamos, sentados no banco de trás do táxi, a tensão a acumular-se com os planos silenciosos que se iam desenrolando à nossa frente. Incapaz de me conter, deslizei para junto dele, colocando o meu corpo mais próximo. O peito duro tocava-me no ombro, e eu inspirei fundo quando ele me envolveu com um braço. O meu corpo reagiu de imediato, as minhas partes femininas ligando todos os cilindros.

Ele deslizou os dedos pelo meu ombro e ao longo do meu braço, um toque tão inocente e, no entanto, guardando em si a promessa de muito mais que estaria para vir. A minha mão acariciou suavemente a sua coxa tão musculada, o meu olhar deslizando, ao mesmo tempo, pelo resto do seu corpo. Se o alto nas suas calças pudesse ser encarado como indicativo, ele era muito dotado.

Engoli em seco, subitamente embriagada de desejo por ele. A coragem líquida que havia consumido antes estava em pleno efeito. Se ele me deixava a sentir assim com as roupas ainda vestidas, num táxi, não conseguia deixar de pensar no que haveria de fazer-me no quarto.

Foi uma viagem curta, mas quando chegámos à vivenda colonial de dois andares do Hunter, sentia que já não conseguia esperar mais.

Ele agarrou nas chaves, junto à porta da frente, e fez uma pausa.

— Talvez te deva avisar. Tenho de pagar à babysitter.

— À babysitter? — A minha mente, algo toldada pelo excesso de shots de tequila, não estava a perceber. Seria algum bizarro fetiche sexual?

— Tenho uma filha — disse, com ar nervoso. — Há algum problema?

Normalmente, não gostava muito de crianças. Mas estava embriagada e tinha passado as últimas duas horas a imaginar o Hunter nu, pelo que não ia armar-me em esquisita por causa de uma qualquer cria que ele pudesse ter.

— Claro que não. Por mim, não há problema — respondi rapidamente, e ele suspirou de alívio.

Entrámos e eu olhei à minha volta, enquanto ele pagava à babysitter. Havia fotografias dele com uma rapariga pequena de cabelo escuro. Perguntei-me, brevemente, onde estaria a mãe. No entanto, não estava ali para ficar a conhecer a história da sua vida; estava ali para fazer jus a uma tradição chamada «sexo de aniversário».

Quando a babysitter olhou para mim de relance, enquanto eu observava as fotografias, fiz os possíveis por dar a entender que pertencia ali e que o Hunter e eu não estávamos prestes a ter um embriagado encontro casual de uma noite, mas com montes de classe. Depois de ter falado baixinho com o Hunter durante alguns minutos, foi-se finalmente embora.

Ele tirou o casaco do fato, com o seu peito e os seus bíceps bem definidos a repuxarem o tecido da camisa.

Avancei na direção dele, mais do que pronta para arrancar o meu aniversário com estrondo.

Se era assim que ia festejar o início do meu trigésimo aniversário, estava prestes a ser o início de um ano muito bom.

Capítulo 2

Hunter

Talvez fosse da música. Talvez fosse o facto de quase não ter jantado, para além de ter bebido, quando eu raramente bebia. Ou talvez estivesse apenas um bocadinho reprimido depois de seis meses a seco, a tomar chá e a entrançar o cabelo da minha filha de 4 anos. Fosse qual fosse a razão, a minha mente não conseguiu pensar em mais nada a partir do momento em que os meus olhos viram a Kate pela primeira vez, do outro lado do bar.

Eu quero-a.

E depois de a ter visto naquele vestido minúsculo, a fingir que não estava a olhar para mim e a falhar redondamente? Fiquei com todo o tipo de ideias acerca de como ia gastar toda aquela energia reprimida. E agora aqui estamos, na minha sala de estar, rodeados por fotografias da

minha filha. O que funciona, basicamente, como o oposto de um afrodisíaco.

Quando saímos do táxi, apercebi-me de que o tema da minha filha não tinha surgido na nossa animada troca de palavras no bar — nem que estávamos prestes a dar de caras com a babysitter. Não havia como contornar a questão.

As aventuras de uma noite tendiam a não lidar muito bem com a questão de eu ser um pai solteiro. As mães solteiras, por outro lado, adoravam-no. A ideia de um pai dedicado à sua filha deixava-as a arquejar durante dias. Mas um engate descontraído, sem compromissos? Para elas, o facto de eu ser um pai solteiro gritava uma de duas coisas: ou eu era um idiota irresponsável que não conseguia resolver adequadamente as situações, ou era completamente viciado em compromissos e estava a tentar atraí-las com a minha adorável filha de 4 anos, a precisar de uma nova mamã. Fosse como fosse, normalmente não corria muito bem. Mas, para já, a Kate lidara bem com a questão.

Depois, ela atravessou a sala na minha direção, e um pensamento inundou-me o cérebro.

Raios, como é sensual.

Todas aquelas curvas e o riso rouco, aliados à sua confiança? Eu adorava mulheres confiantes que sabiam o que queriam.

— Feliz aniversário — sussurrei, pousando as mãos na cintura dela e puxando-a para mais perto de mim.

Só porque o mais provável era que isto não passasse de um caso de uma noite, não significava que eu quisesse

apressar as coisas. Bem pelo contrário, na verdade. Queria saborear e gozar cada minuto. A começar pelo beijo perfeito.

— É quase meia-noite — murmurou ela, os lábios a meros centímetros dos meus.

Pousando uma mão no rosto dela, guiei-lhe a boca até à minha, encostando os meus lábios aos dela, num beijo lento e suave.

Ela respondeu na perfeição, abrindo a boca num convite silencioso para que a minha língua deslizasse contra a dela. As minhas mãos seguiram aquelas curvas envoltas pelo vestido preto que exclamava «come-me!» e que eu tinha estado a admirar... e, céus, a sensação de deslizar as palmas das minhas mãos pelo corpo dela era ainda melhor do que poderia ter imaginado. Suave e quente, e tão convidativa.

Depositei mais um beijo lento sobre os seus lábios e afastei-me para estudar a sua reação. Raramente fazia este tipo de coisas. Tê-la ali era surreal... e estava a excitar-me como o caraças, sabendo o que provavelmente estava prestes a acontecer.

— Posso preparar-te algo para beber? — perguntei, deslizando a mão em redor da sua cintura. Se ela mudasse de ideias ou quisesse abrandar, queria que soubesse que não havia problema.

— Consigo pensar noutras coisas que preferia estar a fazer com a boca — respondeu ela, numa voz grave e sensual, enquanto deslizava os dedos pelo meu peito.

Céus, adoro uma mulher que sabe o que quer.

Sem dizer mais nada, pousei a mão na parte de trás do pescoço dela, guiando o seu rosto até ao meu para mais um beijo. Ela envolveu-me com os braços e encostou os seus lábios aos meus, alinhando-se perfeitamente com a minha ereção em rápido crescimento.

À medida que as nossas línguas se moviam em conjunto, com maior urgência, conduzi-a lentamente ao longo do corredor até às escadas. A nossa respiração ia-se tornando mais pesada e elaborada, e conforme nos íamos aproximando do meu quarto, passo a passo, eu ia ficando cada vez mais teso. Eu tinha a certeza de que ela o conseguia sentir, encostado à sua barriga, quando atravessámos a porta para o meu quarto.

Encostei a Kate à parede, deslizando os meus dedos por baixo da bainha do vestido, de modo a sentir a pele quente das suas coxas. Ela gemeu baixinho, e eu movi os dedos para a frente das suas cuecas, o meu sexo estremecendo ao sentir o calor dela contra a minha mão. Afastando as cuecas dela para o lado, descobri-a já molhada e deslizei lentamente o meu dedo para o seu interior, levando a Kate a lançar a cabeça para trás de prazer, batendo contra a parede atrás de si com um baque sonoro.

— Oh, raios, estás bem? — Fiz uma pausa, inclinandome para trás ligeiramente, para olhar para ela e ter a certeza de que não se tinha magoado.

Ela deu uma gargalha.

— Sim, estou bem. Não doeu, só fez barulho.

Sorrindo, curvei-me para a voltar a beijar.

À medida que o beijo se ia tornando mais escaldante, a língua dela a acariciar a minha, ela começou a desabotoar a minha camisa com uma facilidade surpreendente. Passados alguns instantes, estava a puxar as mangas pelos meus braços e a lançar a camisa ao chão.

— Impressionante — murmurei, movendo os lábios para o pescoço dela, chupando e mordiscando a sua pele. O seu sabor era doce e ela cheirava ligeiramente a baunilha.

— Já não é a minha primeira tourada. — Suspirou, levando as mãos ao meu cinto, para o desabotoar.

Sorri. *É um jogo em que podemos participar os dois.*

Erguendo-lhe o vestido acima da cintura, deslizei as cuecas dela com uma mão, enquanto a outra regressava ao seu trabalho anterior de dar prazer ao ponto molhado, sedoso, entre as suas coxas. O desejo de a massajar e acariciar até ela começar a contorcer-se e a gemer descontroladamente era tão poderoso que quase me fazia tremer.

Céus, há quanto tempo.

À medida que a minha mão se movia entre as suas pernas, ela mordeu o lábio e soltou um gemido suave. Puxou o meu cinto, e os seus dedos hesitaram por breves instantes sobre o fecho das minhas calças antes de as puxar rudemente para baixo, revelando o contorno do meu membro, duro como pedra, completamente desenhado nos meus boxers pretos. A respiração dela tornou-se mais entrecortada, e eu soube que estava pronta para mais.

Fiz uma pausa para lhe erguer por completo o vestido e lho tirar por cima dos ombros, lançando-o para o chão.

A Kate levou as mãos ao soutien para o abrir, e depois este foi juntar-se ao resto das nossas roupas espalhadas. Puxando-a mais para mim, deliciei-me com a sensação dos seus seios fartos contra o meu peito, à medida que os seus dedos puxavam pelo elástico dos meus boxers.

De súbito o meu desejo de estar dentro dela tornou-se maior do que tudo. Guiei-a para a cama, tirando a minha roupa interior nas duas passadas que dei para me juntar a ela. Descendo sobre ela, voltei a beijar-lhe o pescoço, alinhando as minhas ancas com as dela, ao mesmo tempo que ela abria as pernas para me receber. Mas antes que conseguisse deslizar o meu pénis inchado e ansioso contra a carne molhada que eu tanto desejava, ela encostou as palmas das mãos ao meu peito, incitando-me a ficar deitado de costas.

Já disse que gosto de uma mulher que sabe quando assumir o controlo?

Deitei-me, e a Kate subiu para cima de mim.

— Pode ser assim? — perguntou ela.

— Tenho todo o gosto em deixar que me montes. — As minhas mãos exploravam e acariciavam os seus seios.

— Afinal de contas, hoje é o meu aniversário — respondeu ela, com um sorriso satisfeito.

— Muito bem visto. — Tirei um preservativo da mesa ao lado da cama, rasguei o invólucro com os dentes e entreguei-lho. — Queres pôr-mo?

— Será um prazer — sussurrou ela, lançando todo o tipo de arrepios pelas minhas costas.

Os seus dedos ágeis colocaram rapidamente o preservativo. Pousando uma mão na anca dela e a outra na minha pila intumescida, guiei-a para o seu sexo apertado, gemendo ambos com o prazer há muito esperado. Ela parecia uma verdadeira fornalha à minha volta. Estava tão quente e tão sensual, empoleirada em cima de mim daquela maneira.

Encontrámos rapidamente o nosso ritmo, as minhas ancas bombeando num ritmo constante, enquanto ela se balouçava em cima de mim. Era divinal, absolutamente divinal. Ela era incrível — tão apertada, quente e convidativa. E os gemidos sensuais e roucos que ia deixando escapar destruíam a minha resistência.

Era o melhor sexo que alguma vez tinha tido com um engate de uma noite. Os seus gemidos foram-se tornando mais sonoros, quando eu encontrei aquele ponto dentro dela e o massajei, uma e outra vez, com o meu pénis.

As palmas das mãos dela abriram-se sobre os meus abdominais, e a sua cabeça tombou para trás, enquanto ela se perdia no prazer.

— Isso mesmo, meu mulherão. Vem-te em cima de mim — murmurei.

Mas depois ouvi uma coisa... e não foi mais um dos seus gemidos.

Não, foi algo que me deixou gelado, as minhas ancas imobilizando-se a meio do movimento.

O estalar de uma tábua no corredor. Pés descalços no chão de madeira.

E depois uma vizinha miudinha que perguntava:

— O que estás a fazer ao meu papá?

MERDA.

De pé, na porta aberta, estava a minha filha de 4 anos, a Maddie, com o seu pijama de unicórnios, os olhos muito abertos enquanto se agarrava ao ursinho de peluche preferido.

— Merda, oh, meu Deus, merda, lamento muito! — A Kate desceu rapidamente de cima de mim, agarrando no cobertor mais próximo para esconder o corpo nu.

— Olá, querida. O que estás a fazer de pé? — disse com o meu tom de voz mais calmo, tapando freneticamente a minha ereção em queda com uma almofada.

A Kate corria pelo quarto, tentando encontrar as suas roupas. De repente, o modo descontraído como nos despiramos, atirando as roupas para um lado e para o outro, pareceu-me incrivelmente parvo.

— O papá está ótimo. Porque não vais esperar no teu quarto, pode ser?

A Maddie franziu o sobrolho, mas obedeceu, lançando um último olhar assassino na direção da Kate, antes de dar meia volta e regressar ao seu quarto.

A Kate, contudo, não pareceu reparar, tendo, por fim, encontrado a sua roupa interior e vestindo-se mais depressa do que pensei ser humanamente possível. Ela podia, literalmente, bater o recorde do Guinness como a mulher que se veste mais rápido.

Deslizei as mãos pelo cabelo, deixando escapar um suspiro profundo. Merda, porque não me lembrara de trancar

a porta? Devíamos ter feito mais barulho do que eu pensara, para acordarmos a Maddie. Normalmente ela tinha um sono bastante profundo.

— Escuta, Kate, lamento...

Antes que conseguisse terminar, ela saiu a correr do quarto, e 20 segundos depois ouvi a porta da frente a abrir e a bater atrás dela.

Suspirei, enterrando o rosto nas mãos. *Perfeito, absolutamente perfeito*. Mais uma aventura casual arruinada pelo facto de eu ser um pai solteiro.

Estava habituado a que alguns encontros corressem mal, de quando em vez, por exemplo, por receber um telefonema da babysitter a dizer que *a sua filha acaba de vomitar*, mas isto? Isto era diferente de tudo aquilo por que já tinha passado antes. Eu fora apanhado no ato em si, a fazer a coisa, a esfregar as partes — embora não houvesse parte nenhuma da Kate que eu não quisesse esfregar e estava verdadeiramente irritado por não ter conseguido tocar em cada parte dela a partir de todos os ângulos.

Era oficial. A minha filha de 4 anos era uma empata-fodas.

Suspirando uma vez mais, dirigi-me ao meu armário e peguei numas calças de fato de treino e numa t-shirt, antes de juntar o resto das minhas roupas e enfiá-las no roupeiro. Na casa de banho, lavei as mãos e observei o rosto no espelho, deslizando os dedos pelo cabelo, numa tentativa de tornar menos óbvio que acabara de ser apanhado a comer uma estranha... pela minha filha.

Muitíssimo elegante.

Eu agora era um pai. Precisava de ser melhor do que isto. Mais forte. Manter as minhas prioridades sob controlo. E a minha prioridade era, sem dúvida, a minha filha.

Abri a porta do quarto da Maddie e descobri-a enroscada na cama, fitando-me com os seus olhos muito abertos, confusos.

— Papá, o que estava aquela senhora a fazer contigo? — perguntou, esfregando os olhos com as mãozinhas pequenas.

— O papá e aquela senhora estavam a passar algum tempo juntos, como adultos, mais nada. Quando fores mais velha explico-te melhor, está bem? — *Pelo menos quando não estivermos a meio da noite e numa altura em que não tenhas acabado de testemunhar algo que te irá marcar, inevitavelmente, para toda a vida.*

A Maddie franziu o sobrolho, mas acenou com a cabeça, e eu percebi logo que se tratava de algo que se lembraria de perguntar pela manhã. Não tinha planeado, sequer remotamente, ter esta conversa com ela durante pelo menos mais dez anos, por isso tomei uma nota mental para consultar os meus livros de pedagogia infantil para descobrir o que seria normal dizer aos miúdos da sua idade acerca do sexo. Não queria que ela fosse um daqueles miúdos que, aos 15 anos, ainda acredita que são as cegonhas que deixam os bebés à porta de casa, mas ainda assim... Aos 4 parecia-me um bocadinho cedo demais para saber tudo acerca dos factos da vida.

Segundos depois, a Maddie virou-se para o lado e fechou os olhos. Depositei-lhe um beijo na testa e, depois de a ter aconchegado, deixei o quarto dela e fui preparar-me para me deitar. Depois de ter escovado os dentes e lavado o rosto com água fria, deitei-me para dormir, mas descobri que tinha a cabeça a mil.

Nem acreditava que algo que tinha começado tão espetacularmente bem acabara tão terrivelmente mal. Já se tinha passado tanto tempo desde a minha última aventura casual que nem conseguiria dizer se alguma vez imaginara que algo como o que acontecera naquela noite podia acontecer. Esqueçam isso. Nunca imaginei que a minha filha me pudesse apanhar em flagrante, em pleno ato sexual escaldante, com alguém que quase não conhecia.

Já era de calcular que a única vez que me expus acabasse queimado. Havia uma razão para os pais solteiros deixarem de fazer coisas dessas. Podiam acontecer cenas maradas como esta.

Suspirando, virei a almofada, tentando relaxar e ficar mais confortável. Mas já sabia que não ia dormir bem naquela noite. Não conseguia parar de rever aquele momento na minha cabeça, o verdadeiro choque de estar em êxtase absoluto num momento, e no seguinte... o embaraço total.

E o pior era que a Kate parecia uma pessoa realmente porreira. Ainda que não fosse o amor da minha vida, a nossa química era difícil de negar, e não me teria importado de transformar o nosso engate casual numa coisa regular.

Quanto mais não fosse, houve um pensamento que me fez sentir melhor quando tentei, sem sucesso, adormecer.

Pelo menos, nunca mais teria de ver a Kate outra vez.

A NOITE PASSADA FOI A MAIS EMBARAÇOSA DA MINHA VIDA.

Eu fui *aquela* rapariga. Fui a mulher completamente embriagada a celebrar o seu trigésimo aniversário com as duas melhores amigas. E quanto mais eu bebia, mais queria fazer algo pecaminoso para celebrar.

E o que poderia ser mais pecaminoso do que aquele homem sensual e sedutor que me lançava olhares junto ao balcão do bar? Alto, moreno e de um charme estonteante. Apesar de me parecer areia a mais para a minha camioneta, lá consegui arranjar coragem para ir ter com ele.

Ele levou-me para a sua casa, para a noite de sexo mais escaldante da minha vida. Bem, até esta ter terminado...

Não há nada pior do que ser interrompida a meio da viagem por uma vizinha a perguntar: «O que estás a fazer ao meu papá?»

E que fiz eu? Fugi porta fora, rezando para nunca mais me cruzar com ele...

Até descobrir que o homem que me tinha levado aos píncaros ia ser o meu novo vizinho e senhorio.

DE REPENTE,
A MINHA ESCOLHA DA NOITE
PASSOU A SER BEM MAIS DO QUE ISSO!

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-001-0



9 789895 640010

Romance Erótico